

'Uma luta gloriosa que nós tivemos' – memórias de professoras sindicalistas sobre a greve de 1987 do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS)

Ana Cláudia Freitas¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar as memórias de cinco professoras sindicalistas sobre a greve de 1987, organizada pelo Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS). A análise concentra-se em trechos de entrevistas realizadas com docentes que participaram ativamente da paralisação, a qual se tornou a mais longa da categoria até então, com duração de 96 dias. Ressaltada como um marco de grande relevância, a greve de 1987 destaca-se pelo alcance das reivindicações e por evidenciar a capacidade de agência do CPERS na articulação de táticas de luta frente às ações repressivas do governo de Pedro Simon (PMDB). As narrativas demonstram, nesse sentido, os impactos da paralisação no cotidiano docente bem como caráter formador da experiência coletiva na construção de identidades sindicais e políticas em meio às disputas pela valorização da educação pública. Para a coleta e análise dos depoimentos, adotaram-se os pressupostos da metodologia da História Oral, que possibilita tensionar os sentidos atribuídos às greves no cruzamento entre memória individual e memória coletiva. Este trabalho deriva da pesquisa de dissertação já concluída, na qual foram analisadas seis greves organizadas pelo CPERS entre 1985 e 1991, com ênfase nas relações entre memória, identidade docente e sindicalismo.

Palavras-chave

Sindicalismo docente; Memórias; CPERS/Sindicato; História oral

Introdução

O Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul foi fundado em 1945, em Porto Alegre, por um grupo de educadoras, sob o nome de Centro dos Professores Primários Estaduais (CPPE). Na década de 1970, após as reformas no ensino promovidas durante o regime ditatorial militar (1964–1985) que ampliaram a obrigatoriedade escolar de 6 para 8 anos, houve um aumento no número de profissionais docentes. Contudo, os salários não acompanharam esse crescimento. Esse descompasso foi uma das razões que levaram o CPERS a ampliar sua representação, incluindo também os professores do ensino secundário. Em 1991, após

¹ Doutoranda em História no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista do Programa de Bolsas de Monitoria da Pós-Graduação (PROMOP).

deliberação e votação da categoria, o sindicato estendeu novamente sua base de representação, incorporando os demais trabalhadores em educação, como os funcionários de escola.

Essas mudanças na estrutura da entidade atenderam às necessidades da categoria em cada período e integraram um processo mais amplo de transformações nas práticas e políticas educacionais. Também trouxeram alterações na forma como a categoria docente se identificava e se representava, já que a posição social do professor se modificou na década de 1970, com uma crescente aproximação a outras categorias profissionais e à noção de pertencimento à classe trabalhadora.

A relação entre a história do sindicato e as mudanças na forma como os professores se reconhecem enquanto profissionais e atores políticos é mediada pela participação em greves. Este trabalho deriva da pesquisa de dissertação de mestrado em que se investigaram as greves realizadas pelo CPERS entre 1985 e 1991 e a construção de uma nova identidade docente no Rio Grande do Sul. Na pesquisa, foram realizadas entrevistas com professores que vivenciaram as greves, e uma das questões norteadoras originou os resultados aqui apresentados. Essa questão dizia respeito a qual das greves ocorridas no período era considerada mais relevante. Todas as respostas convergiram para a mesma paralisação: a greve de 1987, a mais longa da categoria até hoje, com 96 dias de duração.

Diante disso, o objetivo do presente trabalho é analisar as memórias das pessoas entrevistadas sobre a greve de 1987, bem como observar como esse movimento se constituiu como um marco importante na forma de organização das lutas do sindicato. Para tanto, serão mobilizadas as categorias de memória e identidade docente.

Enquanto memória, compartilha-se o entendimento de Joel Candau (2012) para quem a memória é “uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo.” (Candau 2012, p.9). Deste modo, as narrativas das pessoas entrevistadas não são utilizadas para conferir veracidade ou não ao acontecimento das greves, mas para poder ser investigado como estas fizeram parte da constituição da identidade profissional do grupo de professores sindicalizados.

A escolha pela história oral, como metodologia, se dá pela possibilidade de acesso a estes tipos de significação do passado, passando inclusive pela observação da relevância da greve de 1987 que não é perceptível em outras tipologias de documentos. Para Rodrigo Musto Flores (2022) a história oral organiza práticas e procedimentos que possibilitam lidar a um só tempo com as memórias, identidades e projetos de grupos específicos.

Semelhantemente, José Sebe Meihy e Fabíola Holanda (2015) compreendem que a história oral constitui-se como o entrelaçamento entre as formas em que se narra o passado, sempre no presente, com a memória. Assim sendo, “A história oral ao valer-se da memória estabelece vínculos com a identidade do grupo entrevistado e assim remete à construção de comunidades afins.”

Enquanto identidade docente, parte-se do entendimento de que as variadas interações e experiências que ocorrem desde o processo de formação docente, que passam, também, pelas formas de socialização familiar, escolar e profissional, interferem na forma como professoras e professores representam a si e identifica-se enquanto profissional.

A identidade docente se constrói pelo significado que cada professor dá para a sua profissão, enquanto autor e ator, conferindo à atividade docente, no seu cotidiano, a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e de seus anseios. (Santos; Silva, 2016, p. 2)

Entende-se que a participação sindical faz parte da construção de identidades compartilhadas entre o grupo profissional, além de ser compreendida como uma extensão da própria docência. As respostas das entrevistas atestam que para as professoras entrevistadas as greves garantiram conquistas que iam para além das questões materiais, passando pela sociabilidade, pelo pertencimento e pela própria construção política.

Assim, este trabalho está organizado em duas partes. A primeira, apresenta as condições das entrevistas e articula respostas da entrevista com o acontecimento da greve de 1987. Já a segunda parte conta com uma maior reflexão sobre os indícios do que as professoras relembram sobre essa greve.

As entrevistas e a greve de 1987

As respostas aqui presentes derivam de entrevistas realizadas entre o final de 2023 e ao longo de 2024 com cinco professoras que participaram de uma ou mais greves. Acerca do perfil das entrevistadas, verifica-se que possuem entre 65 e 75 anos e são naturais do Rio Grande do Sul. O grupo apresenta uma trajetória longa no sindicato, com tempo médio de atuação de aproximadamente 39,4 anos. Quatro das cinco possuem formação em pedagogia ou em magistério e quatro possuem algum tipo de pós-graduação, especialmente especializações. Optou-se identificar as professoras por siglas, por questões concernentes ao conteúdo das entrevistas.

Para realização das entrevistas, foi criado um roteiro semi-estruturado com questões abertas. Para Eduardo José Manzini (2003) a própria elaboração do roteiro semi-estruturado deve ser entendida como um esforço de análise prévia, em que se alinham os pontos e objetivos a serem atendidos com cada pergunta, que devem, em grande medida, atender ao objetivo geral da entrevista. Assim, o roteiro semi-estruturado auxilia na condução da entrevista tendo em vista este objetivo mais amplo e também possibilita que o entrevistado possa fornecer a informação de forma mais precisa (2003, p. 13).

O objetivo com a questão sobre qual a greve mais marcante para as professoras foi que elas pudessem narrar sobre o que lembravam de uma greve específica, visto que seria muito difícil obter informações mais precisas sobre suas lembranças de cada greve. Além disso, objetivava-se observar por quais motivos uma greve seria mais memorável que outra, na percepção de cada entrevistada.

Como todas as respostas fizeram menção à mesma greve, foi possível delimitar ainda mais que o motivo pelo qual tal greve é mais marcante não se deu pelos ganhos efetivos das reivindicações, mas dos momentos de interação, sociabilidade, do sentimento de solidariedade e também de revolta. Para a professora C.:

Foi a do Pedro Simon, a maior greve assim. A gente participou... E participou mesmo. De ir pra praça ficar na tenda, fazer comidas. E cuidar um dos filhos dos outros, aquela coisa toda. Essa foi a mais marcante de todas, eu acho. A mais sofrida, a mais trabalhosa. (Professora C., 2024)

Em meio à crise econômica da chamada “década perdida” e ao fracasso do Plano Cruzado, o governo de Pedro Simon (PMDB), iniciado em 1987, enfrentou forte instabilidade política e social no Rio Grande do Sul. O descumprimento da Lei 8.026/85, que estabelecia o piso salarial de 2,5 salários mínimos para o magistério, foi o estopim da greve dos professores estaduais deflagrada em 10 de abril de 1987, menos de um mês após a posse do novo governador.

A greve durou 96 dias, tornando-se a mais longa da história do CPERS. O movimento contou com forte mobilização em todo o estado, com passeatas de até 40 mil professores e ações simbólicas de resistência, como o acampamento e a greve de fome no Palácio Piratini.

O acampamento aparece com recorrência nas narrativas das professoras como um momento em que houve aprendizado sobre o movimento grevista, no qual as professoras ocuparam um espaço público em forma de protesto e de expor para a opinião pública o impacto das atitudes de Simon. Iniciado em maio de 1987, o acampamento foi liderado e administrado pelos núcleos que organizavam as cidades por todo o estado do Rio Grande do Sul. Neste

acampamento, as professoras revezavam na ocupação, o que exigia que professoras e professores do interior do estado se deslocassem até a capital.

Eu acho que fiquei umas uma semana acampada. Eu me lembro que chovia. E Tinha aquela troca com as as lideranças mais antigas, né? Que tu via às vezes só pela TV. Era muito importante isso pra gente que estava iniciando na categoria, muito importante. (Professora E., 2024)

O governo respondeu ao movimento com repressão policial e ausência de diálogo, o que contribuiu para o acirramento dos confrontos. Apesar da longa duração da greve e do elevado número de protestos, manifestações e, inclusive, de embates diretos com a polícia, o movimento não produziu os resultados esperados no que se refere às reivindicações apresentadas. Conforme afirma Jorge Correa (2006), a inexistência de um acordo que encerrasse a greve, somada à falta de planejamento para a reposição dos dias parados, levou à interpretação do movimento como uma “grande derrota”. Ademais, o autor destaca que a relação com o governo permaneceu tensa, marcada pela manutenção de “conhecidas estratégias de não reconhecimento da legitimidade dos movimentos, pela ausência de negociação como mecanismo de resolução dos conflitos [...]” (Correa, 2006, p. 8).

Ainda que o movimento tenha se encerrado sem acordo e seja compreendido como uma derrota imediata, a greve representou um marco na consolidação da identidade sindical e política do magistério gaúcho. Nesse sentido, é lembrada pelas professoras entrevistadas como a greve mais marcante da categoria. Na próxima parte do texto, será aprofundada como esse movimento é rememorado como uma greve vitoriosa, apesar dos aspectos negativos apontados, bem como as potencialidades da história oral para compreender interpretações diversas sobre um mesmo acontecimento. As memórias das professoras evidenciam, assim, a valorização de elementos que extrapolam a efetivação imediata das reivindicações, demonstrando outros sentidos atribuídos à experiência da greve.

Memórias da greve de 1987: sentidos e significados nas narrativas docentes

Como já dito, a greve de 1987 é lembrada como a greve mais emblemática para as professoras, apesar de não ser a greve com o maior “sucesso” no que diz respeito aos ganhos práticos. Isso é evidenciado em alguns discursos do próprio CPERS durante a greve de 1987, mas é lembrado e marcado pelas professoras entrevistadas sobre a criação de um “sentimento de luta” (Freitas, 2025, p. 117) comum e compartilhado que era materializado durante as greves e os movimentos que sua organização exigia. Estar em um acampamento na cidade de Porto

Alegre ou criar movimentos semelhantes nos núcleos do interior gerava um ganho na união em torno das reivindicações que extrapolava a esfera material das reivindicações.

Eu lembro que eu ia muito para os acampamentos em Porto Alegre, na praça. Foi uma greve assim, ó que eu saí do meu casulo do interior para ir para Porto Alegre. Eu ali tive mais noção das lideranças maiores. E aí, na frente do Palácio, as pessoas discursavam, tu saí daquele micro espaço e tu vai para uma coisa maior. Então essa é a minha ideia da greve de 87. (Professora C., 2024)

O contato com as lideranças, bem como a experiência do acampamento em Porto Alegre, são lembrados pela Professora C. como dois elementos marcantes da greve de 1987. Percebe-se que a mesma articula a experiência da greve com sua trajetória individual, de perceber-se enquanto pertencente a um conjunto maior. Miranda (2011, p. 16) defende que as greves possuíram entre as décadas de 1980 e 1990 uma centralidade na experiência de trabalhadoras e trabalhadores em educação, em sua relação com o Estado e com demais esferas da política, como os partidos políticos e centrais sindicais. A autora também destaca que as greves servem como um fio condutor para compreensão das formas como os sindicatos organizavam-se. Acrescenta-se aqui, partindo das fontes, que as greves são também uma possibilidade de explorar os sentidos que a própria profissão tinha para quem estava em contato com os sindicatos e demais entidades sindicais.

A greve de 1987 é compreendida como marcante justamente por ser permeada por uma série de ações que possibilitaram a formação de uma unidade entorno da luta, das possibilidades de agência das professoras em greve e também pelo espaço de sociabilidade.

A Professora S. narra um episódio simbólico sobre a greve de 1987. Organizada no núcleo da cidade de Uruguaiana (núcleo 21), S. relembra que foi acendida uma chama na sede do núcleo no primeiro dia de greve, que serviria para representar a luta da greve.

No nosso núcleo, a participação foi assim, quase que unânime, todas as escolas fecharam e a categoria realmente participava de todas as atividades propostas pelo comando de greve. Lá no núcleo, no primeiro dia de greve, quando retornou a caravana que tinha vindo pra assembleia geral que decretou a greve aqui em Porto Alegre, foi chamado uma assembleia, como era de praxe no outro dia que chegavam e aí nesta assembleia geral, o vigésimo primeiro núcleo decidiu acender uma chama, e assim foi feito na sede do núcleo, foi acesa a chama, com o propósito de ficar acesa até o último dia da greve. Esta chama permaneceu acesa no núcleo do CPERS em Uruguaiana, por 96 dias, nós fazíamos escalas com as escolas. Noite e dia o núcleo aberto, controlando pra chama não apagar. (Professora S., 2024)

Além de especificar as ações que diziam respeito a organização para manter tal chama acesa, a professora elenca como funcionou a rotina de manter acesa a chama, bem como relata

uma parte do funcionamento do retorno das professoras que estavam na capital. Sobre o que significou essa atitude:

Isso significava a chama da nossa dedicação, da nossa garra na luta, de buscar o que a gente queria, de a gente chegar na vitória do que estávamos propondo. E assim foi feito, na assembleia chamada no final dos 96 dias, aqui em Porto Alegre, a chama veio em uma camionete, para ser extinta quando a assembleia-geral decretasse o fim da greve. Isso foi pra mim um fato bem marcante, foi maravilhoso, foi uma luta gloriosa que nós tivemos. (Professora S., 2024)

O que se observa na narrativa acima é que a greve de 1987 é lembrada a partir de elementos simbólicos que vão além dos resultados objetivos do movimento. A “chama” que foi mantida acesa pelos 96 dias materializou o sentimento de que a greve para ser construída necessitava da organização e da permanência das professoras paralisadas. Isso pode ser entendido como um símbolo que condensa os sentidos da luta coletiva e a dedicação desprendida para tal.

As escalas, a vigilância e o próprio deslocamento até a capital para ser apagada somente quando o movimento estivesse encerrado demonstra a intensidade do engajamento e como a professora narra valoriza essa experiência. A narrativa da Professora S. articula o aspecto pessoal, do que ela, enquanto indivíduo, entende como uma “luta gloriosa”, que passa pela própria experiência do passado e sua interpretação no presente. E é nesse aspecto que considera-se, para este tema de pesquisa, uma das grandes potencialidades do trabalho com a história oral, vislumbrar o que essas professoras consideram como relevante e grandioso sobre aquilo que elas mesmas vivenciaram, o que elas significam, coletiva e individualmente sobre a própria experiência. Ou, como afirma Lucília de Almeida Neves Delgado, por meio das entrevistas “registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje.” (Delgado, 2017)

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar as memórias das pessoas entrevistadas sobre a greve de 1987, bem como observar como esse movimento se constituiu como um marco na história do CPERS. Para isso, foram analisados trechos de entrevistas realizadas com professoras que vivenciaram tal greve. Dentre os resultados, ressalta-se a ressignificação da greve como “gloriosa”, que passa pela valorização de aspectos simbólicos e da noção de pertencimento vivenciada nessa greve.

O que se percebe é que a greve de 1987 é interpretada de diferentes formas, mas, entre as entrevistadas, foi unanimemente mencionada como a mais marcante, ainda que os ganhos materiais tenham sido limitados. Essa recorrência nas narrativas ressalta o caráter simbólico do movimento, compreendido como um marco na trajetória de mobilização e de formação política da categoria. Nesse sentido, a greve de 1987 possibilita apreender tanto os enfrentamentos diretos com o governo, num contexto em que não havia espaço para negociação, quanto as transformações subsequentes no modo de atuação do sindicato, que, nas greves seguintes, passou a buscar maior diálogo com as gestões estaduais.

A história oral, pensada desde o momento de elaboração das perguntas, permitiu compreender como as professoras constroem e atribuem significados a essas experiências. Assim, concentrar a atenção na greve mais lembrada, permitiu que fosse percebido que os ganhos simbólicos, como a aprendizagem da luta, o contato com lideranças e a solidariedade vivenciada nos acampamentos, são reconhecidos pelas docentes como conquistas efetivas. Esse ponto demonstra um dos potenciais da história oral: a possibilidade de acessar os sentidos atribuídos pelas próprias sujeitas à sua participação na greve. As entrevistas permitem compreender como as greves são lembradas, interpretadas e resinificadas no tempo, evidenciando que essas experiências passaram a representar na construção da identidade docente e sindical. Ressalta-se que a história oral possibilita analisar como as memórias das professoras articulam dimensões individuais e coletivas, interpretando a greve como um espaço de experiência que contribuiu para a formação de uma consciência política e de uma identidade compartilhada no interior do movimento docente.

Referências

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREITAS, Ana Cláudia Vieira de. **"Só a luta garante conquistas" : memórias sobre as greves do CPERS/Sindicato e a construção da identidade docente no Rio Grande do Sul (1985-1991)**. Florianópolis, 2025. 183f. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

CORREA, João Jorge. **A história do CPERS/Sindicato e a construção da sua presença no debate das políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 2008.

FLORES, Rodrigo Musto. Memória e história oral: as interações entre a história escrita e a história vivida. **Intellectus**, [S.L], v.21, n.1, p. 248-263, jan.2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MARQUES, Mauro Luiz Barbosa. **Ao som das sinetas: do sacerdócio à confiança na luta movimentos docentes na rede pública estadual do Rio Grande do Sul (1979 - 1991)**. São Leopoldo, 2017. 434 f. Tese (Doutorado)Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em História.

SANTOS, Andreia Mendes dos; SILVA, Renata Santos da. O processo de construção da identidade docente no Brasil. In: XV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 15., 2016, [S.L]. **Anais [...]** . [S.L]: Feevale, 2016. p. 1-10.

PROFESSORA C. **Entrevista II**, realizada em abril de 2024. Entrevistadora: Ana Cláudia Freitas. Google Meets, 1 arquivo mp4, 43min18seg.

PROFESSORA P. **Entrevista I**, realizada em fevereiro de 2024. Entrevistadora: Ana Cláudia Freitas. Florianópolis, 1 arquivo mp4, 1h02min.

PROFESSORA E. **Entrevista III**, realizada em maio de 2024. Entrevistadora: Ana Cláudia Freitas. Google Meets, 1 arquivo mp3, 28min27seg.

PROFESSORA R. **Entrevista IV**, realizada em julho de 2024. Entrevistadora: Ana Cláudia Freitas.
Google Meets, 1 arquivo mp3, 46min24seg.

PROFESSORA S. **Entrevista V**, realizada em julho de 2024. Entrevistadora: Ana Cláudia Freitas.
Google Meets, 1 arquivo mp3, 50min08seg.